

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A imprensa médica carioca em meados do século XIX: epidemias e combates na busca da legitimação sócio-profissional

Monique de Siqueira Gonçalves*

Resumo:

Focando nossas análises na imprensa, visamos neste trabalho clarificar a crescente relevância dos jornais especializados no processo de formação de uma opinião pública a respeito dos assuntos de saúde no Rio de Janeiro. Atentamos assim, para a importância social e profissional adquirida pelos jornais, visto que eles se tornavam, com a liberdade de imprensa legalmente conquistada, os veículos primordiais na consolidação de interesses públicos e privados.

Palavras-chave: Medicina; Profissionalização, Imprensa

Resumé :

En misant nos analyses sur la presse, nous avons pour dessein éclairer l'importance croissante des journaux spécialisés dans le processus de formation de l'opinion publique ayant traits aux questions de la santé dans la ville de Rio. Enfin, nous avons dégagé l'importance sociale et professionnel acquise par les journaux au fur et à mesure qu'ils devenaient, avec la liberté de presse, légalement conquise, les véhicules fondamentaux pour l'affermissement des intérêts publics et des intérêts privés.

Palavras-chave: Médecine; Professionnalisation; Presse

“É, – como mui bem diz Schlegel, grande filósofo alemão – O jornalismo científico e literário é a locomotora dos conhecimentos humanos que vai marchando rápida e sem estorvos para o século futuro” (...) “Assim, pois, tanto mais fina e apurada for a instrução de um povo, tanto maior e mais extenso será o catalogo de suas publicações, vindo d'aqui a seguir-se que o movimento da imprensa de uma nação será o termômetro por onde só se deva julgar do seu progresso e adiantamento nas ciências.” (LOBO, 1849:1)¹

Apresentação

Na década de 1850 um inesperado componente abalou a estrutura, ainda pouco consolidada, da medicina acadêmica na capital do Império². Com os primeiros surtos

* Doutoranda em História das Ciências e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação da Casa de Oswaldo Cruz - COC/Fiocruz. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da UERJ. Bolsista de doutorado da Fiocruz. E-mail para contato: monique.eco@gmail.com

¹ Trecho do editorial dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, escrito pelo seu editor, o Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, em outubro do 1849. p.1.

² Este artigo é derivado de minha dissertação de mestrado: (GONÇALVES, 2005).

epidêmicos de febre amarela e cólera, a homeopatia ganhou novo fôlego em sua expansão, angariando forte acolhimento por parte da população carioca (PIMENTA, 2003). Apavorada, em busca de respostas ao grande ceifamento de vidas que tinha alcançado, só naquela década, 15.401 óbitos, segundo estatísticas oficiais (REGO, 1851)³.

Nas páginas dos principais jornais que circulavam na cidade do Rio de Janeiro, a homeopatia tornou-se um assunto diário. Presente não só em propagandas de remédios com fórmulas desconhecidas, com promessas de curas infalíveis, como em diversos comunicados e cartas. Da mesma forma, as discussões parlamentares (GONÇALVES, 2005) a cerca da epidemia em curso eram, constantemente, publicadas e debatidas pela *imprensa leiga*⁴. A disseminação das idéias de Hahnemann, tornou-se uma preocupação constante para os principais representantes da medicina acadêmica, que naquele momento empreendiam todos os seus esforços na consolidação do monopólio profissional legal⁵.

O surto epidêmico botou em relevo, e acirrou, a disputa travada entre membros da *elite médica*⁶ e os seguidores da homeopatia, que já se expandiam no Rio de Janeiro desde fins da década de 40, com a chegada dos difusores desta teoria no Brasil. Estes últimos, começavam a se multiplicar pela cidade, em busca de uma clientela mais seleta, contando, inclusive, com médicos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em suas fileiras. A imprensa seria, desta forma, o lugar primordial, da difusão de suas idéias na formação de uma opinião pública favorável à sua expansão. Intensificando a luta por clientela entre alopatas e homeopatas

No entanto, o debate que ora constatamos na imprensa leiga não ficou restrita a ela, motivando o surgimento de novos jornais e revistas especializados, e aquecendo as discussões publicadas no principal periódico médico do período, o *Annaes Brasilienses de Medicina*, editado pela Academia Imperial de Medicina desde 1835⁷.

³ O total apresentado foi retirado do trabalho estatístico realizado por José Pereira Rego nas décadas de 50 e 70. Muitos pesquisadores, no entanto, já revelaram a possibilidade destes números serem bem superiores, tendo em vista a deficiência dos trabalhos estatísticos nesta área.

⁴ Uso aqui a expressão *imprensa leiga* como forma de distinguir os periódicos veiculadores de notícias diversas, da imprensa médica especializada que será o principal objeto de análise neste artigo.

⁵ O projeto de busca do reconhecimento profissional médico é a chave para compreendermos mais profundamente o processo de conquista da autoridade no campo científico pela medicina acadêmica brasileira. Sobre o conceito de profissionalização, ver o livro *Power and Division of Labour*, de Dietrich Rueschemeyer. Neste, o fenômeno da profissionalização é definido como “o desenvolvimento das formas institucionais voltadas para a expansão do uso do conhecimento” (RUESCHEMEYER, 1986 – pp.104/108.). Sendo também importante para a análise realizada neste trabalho, a discussão desenvolvida por Andrew Abbott, que desenvolveu um interessante arcabouço teórico na compreensão dos mecanismos de luta inter-profissional (ABBOTT, 1988).

⁶ A elite médica não é formada necessariamente pelos melhores médicos, mas por aqueles indivíduos que tradicionalmente concentram em suas mãos os diferentes tipos de poder profissional (WEISZ, 1988, pp. 33/46).

⁷ Fundado em 1835, recebeu a primeira denominação de *Revista Médica Fluminense*, que após 1842 passou a se chamar *Revista Médica Brasileira*, sendo finalmente modificado seu nome para *Annaes Brasilienses de Medicina*, em 1845.

A imprensa especializada e a busca da autoridade médica

Ao analisar os primeiros periódicos médicos brasileiros, que surgiram entre os anos de 1827 e 1843, Luiz Otávio Ferreira constatou a importância destas publicações “*como um instrumento utilizado pelas sociedades de medicina na tentativa de forjar uma opinião pública a respeito dos problemas de saúde no país*” (FERREIRA, 2003:119; 1996). Desvendando, deste modo, a importância estratégica assumida por estes periódicos, no que se refere à profissionalização dos médicos, no processo de institucionalização da ciência no Brasil.

Ferreira verificou que na falta de um público leitor especializado, estes jornais se ocupavam de matérias que interessassem a um público leitor leigo, em busca de popularidade. Deste modo, os conflitos sócio-culturais entre os “representantes da ciência médica e os praticantes dos diferentes tipos de medicina popular” (FERREIRA, 2003:120) se evidenciaram pela penetração das opiniões e valores leigos nas páginas dos periódicos científicos.

Esta última característica verificada por Ferreira, todavia, não se fez presente na imprensa médica a partir da segunda metade do XIX. Pois, mesmo não tendo se multiplicado substancialmente o público leitor especializado⁸, estas publicações deixaram de conferir espaço para a veiculação da opinião de leigos. Propondo a divulgação, somente, de trabalhos realizados por médicos acadêmicos, a fim de consolidar uma “separação” entre o que era científico ou não, entre quem poderia ou não emitir opiniões sobre assuntos de saúde.

Quanto às outras práticas de cura, todo o espaço que era delegado para debates que as envolvesse cumpria o objetivo de desmoraliza-las e ridiculariza-las, a fim de não deixar dúvidas quanto a sua ineficácia. Sendo assim, revistas e periódicos médicos passaram a ocupar um local primordial de divulgação e propaganda da medicina acadêmica, em oposição às outras teorias. Dando prosseguimento, durante a segunda metade do século, à função estratégica já constatada por Ferreira, nos anos anteriores.

As publicações médicas especializadas que surgiram na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro, apresentaram uma significativa mudança em seus perfis editoriais com relação

⁸ Logicamente não podemos constatar qual a proporção de leitores leigos e especializados, visto que não era dado espaço à simples leitores nestas revistas médicas na segunda metade dos oitocentos, denotando uma interessante mudança de postura por parte de seus editores. No entanto, pelas constantes reclamações feitas nos editoriais, principalmente no *Annaes Brasilienses de Medicina*, o número de subscrições não tinha crescido, levando esta publicação a uma grande crise financeira que fez com que ela deixasse de ser impressa de outubro de 1854 a março de 1856.

às publicações do mesmo gênero editadas até então. Situadas num contexto de constantes períodos de surtos epidêmicos, que assolavam várias províncias do Império assim como sua capital, elas passaram a se dedicar com mais veemência às doenças que preocupavam a população carioca. Onde a febre amarela ocupou, sem dúvida, um local privilegiado (GONÇALVES, 2005), dada a necessidade de se encontrar uma resposta para o surto em marcha.

Desta forma, constatamos que a erupção da primeira grande epidemia de febre amarela, na cidade do Rio Janeiro em 1850, se configurou como uma “ótima” e ao mesmo tempo, uma difícil oportunidade para a elite médica imperial⁹. Pois, de certa forma, ampliava as perspectivas de reconhecimento do saber médico nacional. Tanto mediante a sociedade brasileira, que clamava por medidas combativas eficazes, como mediante a própria categoria médica estrangeira e os poderes públicos, que não podiam ficar inertes diante do ceifamento periódico de tantas vidas. Ao passo que, em contrapartida, a disputa profissional travada entre membros da medicina acadêmica e as demais artes de curar, dentre as quais a homeopatia passava a ocupar um importante lugar, se tornava mais evidente e difícil devido, principalmente, à forte propaganda veiculada por esta na imprensa diária e especializada.

Neste contexto, além do já existente *Annaes Brasilienses de Medicina* (1845-1889), surgiram nesta década a *Gazeta dos Hospitais* (1850-1852) e o periódico *O Acadêmico* (1855-1856). Acompanhados pela primeira revista editada por farmacêuticos, a *Revista Farmacêutica*, que dentre as iniciativas privadas, apresentou o maior tempo de duração, de julho de 1851 a fevereiro de 1856. Publicações que pretendiam dar reverberação aos trabalhos desenvolvidos por membros da *elite médica*, desempenhando o papel de divulgadores e legitimadores da atividade médica acadêmica.

Da mesma forma, os representantes da homeopatia não se contentariam em utilizar somente as páginas da imprensa leiga, e conscientes do silêncio delegados a eles nas revistas especializadas, desempenharam intensos esforços na publicação de periódicos próprios. Foram eles: *A Homeopatia* (1850), *O Atleta* (1852), *Gazeta do Instituto Hahnemaniano do Brasil* (1859), e *Revista homeopática* (1859-1860).¹⁰

⁹ Seguindo os passos de Paul Starr, que analisou o processo de consolidação da autoridade médica nos Estados Unidos, acreditamos que a elite médica brasileira na metade do século XIX ainda não tinha validado o seu conhecimento e que, por isso não tinha condições de alcançar o aspirado monopólio profissional no Brasil. (STARR, 1982).

¹⁰ Todos os periódicos acima citados estão disponíveis na Biblioteca Nacional. Devemos levar em consideração que outras iniciativas como estas podem ter sido realizadas, mas que até o momento nenhum outro periódico, da década de 50, foi encontrado até a confecção deste artigo.

A análise destas publicações, mesmo alguma delas tendo curta duração, se torna essencial para a compreensão da disputa profissional encetada entre médicos alopatas e homeopatas no cenário epidêmico da corte imperial, em meados do século. Pois, tendo em vista que nos momentos limites as contradições tendem a ganhar maior relevo, não poderíamos conceber período mais propício para explicitar o tortuoso caminho trilhado pela elite médica carioca em busca da consolidação de sua hegemonia profissional.

A *Gazeta dos Hospitais*¹¹ surgiu exatamente no contexto epidêmico, editada pelo Dr. Carlos Luiz de Saules, médico da Santa Casa de Misericórdia. Propunha, em linhas gerais, a apresentação dos casos de amarílicos tratados nesta instituição, dedicando-se prioritariamente a publicação de autópsias de vítimas fatais da moléstia. Apresentando em suas páginas as terapêuticas utilizadas pelos diferentes médicos da Santa Casa, assim como deduções mais gerais a cerca da doença, derivadas das autópsias e observações clínicas desempenhadas.

É interessante ressaltar que tais autópsias eram feitas em indivíduos pobres, sendo eles na sua maioria, marinheiros ou negros escravos e ex-escravos. Apesar de grande soma de médicos acadêmicos afirmar que a doença acometia, preferencialmente aos imigrantes recém-chegados, eram numerosos os casos de cadáveres de negros, amarílicos, a serem utilizados em dissecações. Constatação a qual retornaremos na proposta de análise a ser apresentada na conclusão deste trabalho.

De qualquer forma, a iniciativa privada, na publicação deste jornal, nos remete à importância da disseminação do conhecimento médico produzido sobre a febre amarela, em um momento no qual a medicina se empenhava em consolidar seu monopólio profissional.

Também motivado por uma epidemia, desta vez a de cólera, de 1855, o periódico *O Acadêmico*¹², redigido pelos alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, preocupava-se prioritariamente com o combate ao charlatanismo, com especial atenção para os homeopatas.

Segundo seus editores, estando os homeopatas desarticulados, estavam utilizando a expansão da epidemia para “refazer suas fileiras a pouco rotas” (...) “exaltando e preconizando a todo o país a eficácia incontestada de suas niilidades, a ação miraculosa e infalível de seus específicos infinitesimais”¹³. Reivindicando a chancela de “ciência” para a medicina alopata, os artigos editados em *O Acadêmico* explicitavam o descontentamento tanto

¹¹ *Gazeta dos Hospitais*. Rio de Janeiro. 1850-1852. Biblioteca Nacional.

¹² *O Acadêmico: periódico científico, literário, essencialmente médico*. Rio de Janeiro: Typ. Fluminense de D. L. dos Santos, 1855-1866. Biblioteca Nacional.

¹³ Bezerra de Menezes. “Homeopatia”. *O Acadêmico*, 08 de maio de 1855, p. 4. *BN*.

com a imprensa leiga, pouco afinada com a medicina acadêmica, quanto com o governo, também alvo de muitas críticas, pelo pouco reconhecimento profissional delegado aos médicos, segundo seus autores. Pois, mesmo após a obtenção do reconhecimento legal do monopólio da medicina acadêmica, não se verificava, na prática cotidiana, este prestígio profissional.

A formação da Junta Central de Higiene Pública, em 1851, também impulsionada pela epidemia de febre amarela, acabou gerando intensas discussões entre os membros da Faculdade de Medicina, em especial os farmacêuticos, que sem gozarem de uma independência oficial de sua profissão, começaram a se articular em sua busca. A fundação da Sociedade Farmacêutica Brasileira, juntamente com a sua *Revista Pharmaceutica*¹⁴, em 30 de março de 1851, botava em evidência o maior problema enfrentado por médicos e farmacêuticos. A venda de remédios secretos, com propaganda explícita e amplo acolhimento por parte da população.

Mais uma vez, a publicação de um periódico por iniciativa particular cumpriria o ideal de consolidação das expectativas de uma categoria profissional, os médicos farmacêuticos. Visando combater os “abusos” cometidos com o estabelecimento de boticas e droguistas ilegais e com a venda de remédios secretos. Colocava-se, assim, em evidência o pouco alcance das medidas de controle destas práticas, que constavam na regulamentação da dita Junta, e que quase sempre não eram cumpridas, devido a grande dificuldade encontrada em sua inspeção.

O maior interesse deste periódico estava na consolidação de uma identidade para os farmacêuticos, distinta dos médicos clínicos por um lado, e bem afastada dos práticos não diplomados. Sobretudo, buscavam o monopólio da elaboração e venda de remédios. Objetivo que não foi alcançado durante todo o século, mas que incentivou inúmeras discussões, principalmente neste jornal.¹⁵

No entanto, é sobretudo, no *Annaes Brasilienses de Medicina*, que se desenvolveram as discussões mais acaloradas acerca da difusão da homeopatia. Durante a década de 50 não foram poucas os debates que a envolveram. Sendo esta o principal tema de diversos editoriais, de matérias específicas, e até mesmo de folhetins novelescos, que eram impressos nos rodapés de suas páginas. A preocupação não ficava, entretanto, restrita aos

¹⁴ *Revista Pharmaceutica: jornal da sociedade pharmaceutica brasileira*. RJ: Typ. Brasileira de Francisco Manoel Ferreira, 1851-1852 / Typ. Guanabarensis, 1851-1856. BN.

¹⁵ Paralelamente a publicação de periódicos pelos médicos alopatas, surgiu nesta década uma grande quantidade destes por iniciativa de homeopatas, que por sua vez se sentiam bastante ameaçados pelas regulamentações legais em oposição a sua atividade. Sobre este assunto ver: GONÇALVES, 2005.

círculos de médicos homeopatas que se formavam na cidade. Muitas vezes eram feitas sérias referências a membros da própria Academia que teriam abraçado a teoria de Hahnemann.

Uma querela envolvendo o nome do médico Francisco de Paula Menezes, membro da Academia, que havia assumido a prática da homeopatia publicamente, se arrastou por quase toda a década neste periódico. Começando por um protesto feito por outro médico, Lallemand, que pedia demissão da Academia por não aceitar ficar ao lado de um médico que, segundo ele: “renegando todos os princípios da ciência, rasgando de meio a meio o pergaminho que lhe dava uma posição nobre e descente entre os médicos honestos, se convertera à traficância especulopata”¹⁶.

O resultado do “incidente” seria relatado com grande indignação, em uma edição posterior a esta, por Haddock Lobo, editor do *Annaes* naquele ano. Os membros da Academia, além de não aceitarem a saída de Lallemand, não se propuseram a mover nenhuma oposição à Paula Menezes. Como poderiam rejeitar um acadêmico que, formado pela Faculdade de Medicina, reconhecido pelos títulos legalmente exigidos, optara por esta prática, sem, no entanto, renegar a alopatia? Esta não seria a última representação contra o digno membro da Academia, no entanto, nenhuma delas resultaria em seu prejuízo.

Todas as discussões que envolviam a prática da homeopatia neste jornal referiam-se, sobretudo, à falta de diploma no exercício da medicina e neste sentido, foram publicados dezenas de artigos, opondo-se a esta prática médica, demonstrando o grande incômodo que causava a sua expansão na Corte.

Em contrapartida, proeminentes médicos homeopatas se empenharam na publicação de jornais, motivados pelos constantes ataques veiculados na imprensa leiga e na imprensa médica, por membros da “elite médica”. Estas se propunham a afirmar uma imagem positiva a respeito da medicina homeopática, contrária às acusações de “charlatanismo”, comumente feitas por seus rivais.

O argumento mais freqüentemente veiculado nos periódicos homeopatas era a necessidade de se obter um diploma médico para poder atuar como tal. Principalmente no fim da década, essa característica se tornou bastante evidente, denotando a importância que este argumento tinha em um momento no qual o exercício da medicina, sob os parâmetros legais, só poderia se dar pelo indivíduo diplomado por uma instituição reconhecida pelas leis do Império.

Em seus periódicos, os médicos homeopatas também se empenhavam em demonstrar os resultados dos tratamentos desenvolvidos por seus seguidores, objetivando

¹⁶ Haddock Lobo, redator. *Annaes Brasilienses de Medicina*. Abril de 1850. p. 164.

afirmar a eficácia de sua terapêutica. Os surtos epidêmicos, neste sentido, se configuraram como uma importante oportunidade para estes profissionais, tendo em vista a intensa procura popular.

Seus apelos eram dirigidos, prioritariamente, às classes mais populares, para as quais ofereciam consultas e remédios grátis, visando sobretudo, a afirmação de uma imagem caritativa. No entanto, não era somente a esta clientela para a qual se dirigiam, como podemos perceber pelas propagandas de “nosocômios homeopáticos para escravos”. Ao oferecerem remédios mais baratos para escravos, certamente, se dirigiam sobretudo à classe senhorial, muito interessada em manter a saúde de seus escravos em um momento de tantas mortes.

O empenho de médicos alopatas e homeopatas em publicar periódicos de cunho especializado botava em evidência a necessidade de se formar uma imagem positiva a respeito da atuação de uma e de outra categoria. A “elite médica”, apesar de ocupar uma posição mais confortável, por contar com o apoio legal à sua prática, ainda não podia ostentar a posição de autoridade estabelecida e, por isso, se empenhava nessas publicações, a fim de alcançar o monopólio das artes de curar. Ao mesmo tempo, os homeopatas, pouco a pouco conquistavam seu espaço na sociedade carioca, e não contando com o apoio oficial viam-se impelidos a angariar o apoio social que lhes garantisse a tolerância pelo poder público.

Na busca pela hegemonia do poder médico profissional, ambos reconheciam na opinião pública o foco de sua disputa. Conquistar o apoio da população, que se via fragilizada com as constantes epidemias, era meio caminho andado rumo à conquista da autoridade médica.

As breves considerações esboçadas neste trabalho são derivadas de minha dissertação e base de um projeto de doutorado, em andamento, que visa compreender com mais afinco o processo de conquista da autoridade médica em seus aspectos intra-profissionais. Avançando, sobretudo, na compreensão da elaboração de diagnósticos, e focalizando o elemento escravo como o foco de nossas pesquisas. Afinal, não nos parece estranho que os escravos tenham sido tão pouco mencionados nestes surtos epidêmicos? Ou mesmo, de uma forma geral, não haveria uma relação mais complexa entre a formulação de diagnósticos e a questão racial? Deixemos em suspenso estas considerações.

Bibliografia:

ABBOTT, Andrew. *The system of professions. An essay on the division of expert labor.* Chicago and London: The University of Chicago Press, 1988.

- FERREIRA, Luiz Otávio. “Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840)”. In: *Artes de curar no Brasil – capítulos de história social*. (orgs: CHALHOUN, Sidney, MARQUES, Vera Regina Beltrão, SAMPAIO, Gabriela dos Reis e SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão). SP: Editora Unicamp, 2003.
- _____, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros da primeira metade do século XIX*. Tese de doutorado. SP: FFLCH/USP, 1996.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. *A febre amarela, o poder público e a imprensa na década de 1850, no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. RJ: UERJ, 2005.
- NEVES L. & MARCO M. (orgs.) *História e imprensa. Homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos: anais do colóquio*. RJ: UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.
- PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. Tese de doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- PORTER, Roy. “Enlightenment”. In: *The greatest benefit to mankind: a medical history of humanity*. New York / London: WW Norton & Company, 1999. pp. 245-302.
- REGO, José Pereira. *História e descrição da febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. RJ: Typ. Nacional, 1851.
- RUESCHEMEYER, D. *Power and Divisions of Labour*. California, Stanford University Press, 1986. pp.104/108.
- STARR, Paul. *La transformación social de la medicina em los Estados Unidos de América*. México: Biblioteca de la salud, 1982.
- WEISZ, George. “Les Transformations de l’Elite medicale en France”. en: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 74, septembre 1988. pp. 33/46.